

TEORIA DO BILINGUISMO E NATIVIZAÇÃO
DOS EMPRÉSTIMOS

- Abordagem Natural e Métrico de um Estudo de Caso -

Jean-Pierre Angenot e
Maria Cláudia de Sena Abrahão
Universidade Federal de Santa
Catarina, Brasil

"Mais sa Muse en françois parlant grec et latin"

Boileau, L'Art Poétique

"La syllabe quand elle naît se souvient d'où elle vient"

Jacques L. Vincke

1. Neste trabalho apresenta-se uma proposta inédita que pretende reconsiderar a Fonologia dos Empréstimos - 'Loan-Phonology' - , vinculando-a à teoria do bilinguismo e da variação linguística.

Tradicionalmente, a Fonologia dos Empréstimos se limita a descrever de maneira estática o resultado da integração fônica de palavras estrangeiras dentro de um sistema fonológico receptor. Na abordagem gerativa transformacional, por exemplo, uma sequência de regras ordenadas abstratas deriva directamente formas emprestadas totalmente integradas a partir das formas estrangeiras de origem. Tanto os 'inputs' como os 'outputs' se referem somente a situações monolíngues ideais. Mesmo sendo assim, tanto no modelo gerativo quanto no estruturalista, o estudo dos empréstimos nunca deixou de ser relegado na margem da descrição fonológica.

Com o advento da Fonologia Natural (Stampe & Donegan 1978, Dressler 1985, Angenot et al. 1981, Goman 1981), a questão da nativização se tornou central e os empréstimos passaram a constituir uma das principais fontes de evidências externas para identificação dos processos fonológicos produtivos. Na prática, observa-se que os naturalistas continuam desenvolvendo certas práticas gerativistas, na medida em que os processos intermediários propostos raramente se apoiam em dados empíricos (cf. Lovins 1975).

A presente contribuição, no âmbito da Fonologia Natural, mostrará a necessidade de substituir as abstrações por processos reais manifestados em situações diversas de bilinguismo. Não se deve esquecer de que ao lado das formas não-nativizadas e totalmente nativizadas, existe uma grande variedade de formas parcialmente nativizadas que se distribuem segundo uma escala de maior ou menor integração.

A proposta acima mencionada apresenta algumas vantagens:

- (a) tem um poder explicativo superior, na medida em que abrange todas as formas observáveis, inclusive as intermediárias parcialmente nativizadas;
- (b) permite uma testagem empírica de processos existentes e abre caminhos para identificação de novos processos.

2. Uma demonstração da proposta está sendo feita por meio da análise de palavras francesas incorporadas em quicongo ('Kongo'), língua bantu do Zaire. Precisamente está examinado o caso da adaptação em quicongo da sequência consonantal CC do francês, a qual sofre uma proibição fonotática absoluta. Das três estratégias possíveis - a epêntese ($CC \rightarrow CVC$) a apócope ($C_1C_2 \rightarrow C_1$) e a fusão ($C_1C_2 \rightarrow C_3$) -, a epêntese foi o principal recurso escolhido pelo quicongo para rejeitar a estrutura CC inaceitável pelo seu sistema.

Em francês, a sequência CC pode ser tanto heterossilábica, C~~S~~C, por exemplo 'partons' (partamos), como tautossilábica, ~~S~~CC, por exemplo 'patrons' (patrões). Numa primeira observação destes exemplos adaptados em quicongo, parece que essa diferença estrutural do francês é que determinou resultados finais diferentes de nativização. Aparentemente, a vogal epentética inserida em quicongo sofre uma metafonia progressiva quando as duas consoantes sucessivas pertencem a sílabas diferentes em francês, e uma metafonia regressiva quando as duas consoan

tes sucessivas pertencem à mesma sílaba. Seja:

'partons' (partamos) [paR'tõ] — [pâlâtõ]
 'patrons' (patrões) [pa'tRã] — [pátólõ]

Apresentar-se-ão duas análises divergentes, uma dentro dos moldes gerativistas, portanto sem integração do bilinguismo e a outra dentro dos moldes naturalistas com integração de uma escala de variantes características de uma situação bilingue. O condicionamento da epêntese metafônica trará uma polémica: silábico de acordo com a análise gerativa versus métrico de acordo com a reinterpretação natural proposta.

3. Segundo uma primeira análise gerativa de Angenot, Spa & Yengo (1974), algumas regras ordenadas abstratas relacionam directamente formas francesas e formas inteiramente bantuizadas. Deve-se ressaltar que, nesta interpretação, a epêntese e a metafonía são tratadas como fenómenos simultâneos, submetidos exclusivamente a um condicionamento silábico. Seja:

Regra gerativa da Epêntese metafônica:

$$\emptyset \text{ — } V_1 / \begin{bmatrix} V_1 & C \\ \$ & C \end{bmatrix} \text{ — } \begin{bmatrix} \$ & C \\ C & V_1 \end{bmatrix} \quad \begin{array}{l} \text{(a) progressiva} \\ \text{(b) regressiva} \end{array}$$

Derivação gerativa:

Input:

'partons'
[p a R \$'t õ]

'patrons'
[p a \$'t R õ]

1. {Lateralização
Desnasalização
Levantamento }

*p a l \$'t o

*p a \$'t l o

2. Epêntese metafônica

*p a \$ l a \$'t o

*p a \$ t o \$'l o

3. Tonalização

[p á \$ l á \$'t õ]

[p á \$ t ó \$'l õ]

4. A análise anterior se mostra insuficiente na medida em que ela não dá conta das variantes parcialmente nativizadas, tais como as seguintes cuja distribuição sequencial é função de uma escala de integração progressiva:

'partons' [p a \$ R ^o \$'t ^o], [p a \$ l ^o \$'t o], [p a \$ l a \$'t o]
 'patrons' [p a \$ t ^o \$'R ^o], [p a \$ t ^o \$'l o], [p a \$ t o \$'l o]

Postula-se um princípio universal de que o grau de nativização de um empréstimo é inversamente proporcional ao grau de bilinguismo do falante (Angenot, Grégoire & Spa 1981).

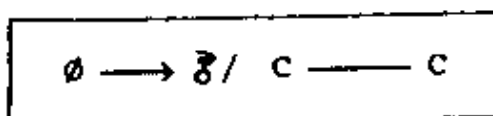
A reinterpretação integra todas as variantes observáveis no processo derivacional único seguinte:

	'partons'	'patrons'
Input	[p a R \$'t ^o]	[p a \$'t R ^o]
1. Epêntese (infra-schwa)	[p a \$ R \$'t ^o]	[p a \$ t ^o \$'R ^o]
2. {Lateralização Desnasalização Levantamento Semi-metáforia}	[p a \$ l ^o \$'t o]	[p a \$ t ^o \$'l o]
3. Metafonia total	[p a \$ l a \$'t o]	[p a \$ t o \$'l o]
4. Tonalização	[p á \$ l á \$ t ò]	[p á \$ t ò \$ l ò]

Os dados reais revelam que não é mais possível manter a interpretação de que a epêntese e a metafonia são fenômenos simultâneos. Obviamente resultam de dois processos sucessivos: primeiro ocorre a epêntese e em seguida a metafonia.

Isso pode ser formalizado da seguinte maneira:

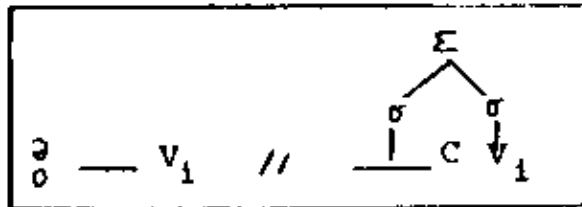
(a) Epêntese:



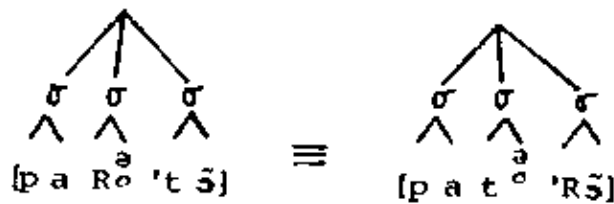
Em comparação com a regra correspondente da interpretação anterior, o condicionamento da epêntese se encontra simplificado na reanálise, pois de silábico passa a ser apenas segmental: um infra-schwa [ɤ], i.e. uma vogal neutra caracterizada

pela sua intensidade excessivamente reduzida se insere automaticamente entre duas consoantes, independentemente das suas estruturas silábicas respectivas (Angenot 1985).

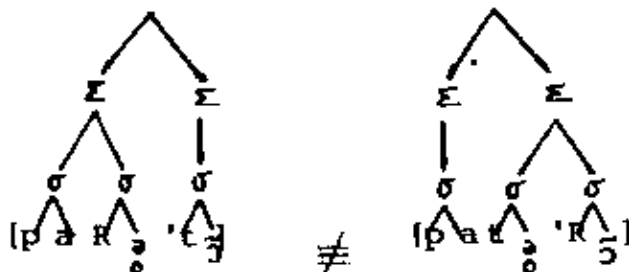
(b) Metafonia:



Ao contrário da epêntese, a metafonia reinterpretada apresenta problema de condicionamento. O contexto silábico inicialmente proposto não serve mais já que a epêntese recém-nascida criou uma estrutura intrassilábica única e idêntica, sob a forma de uma terceira sílaba.

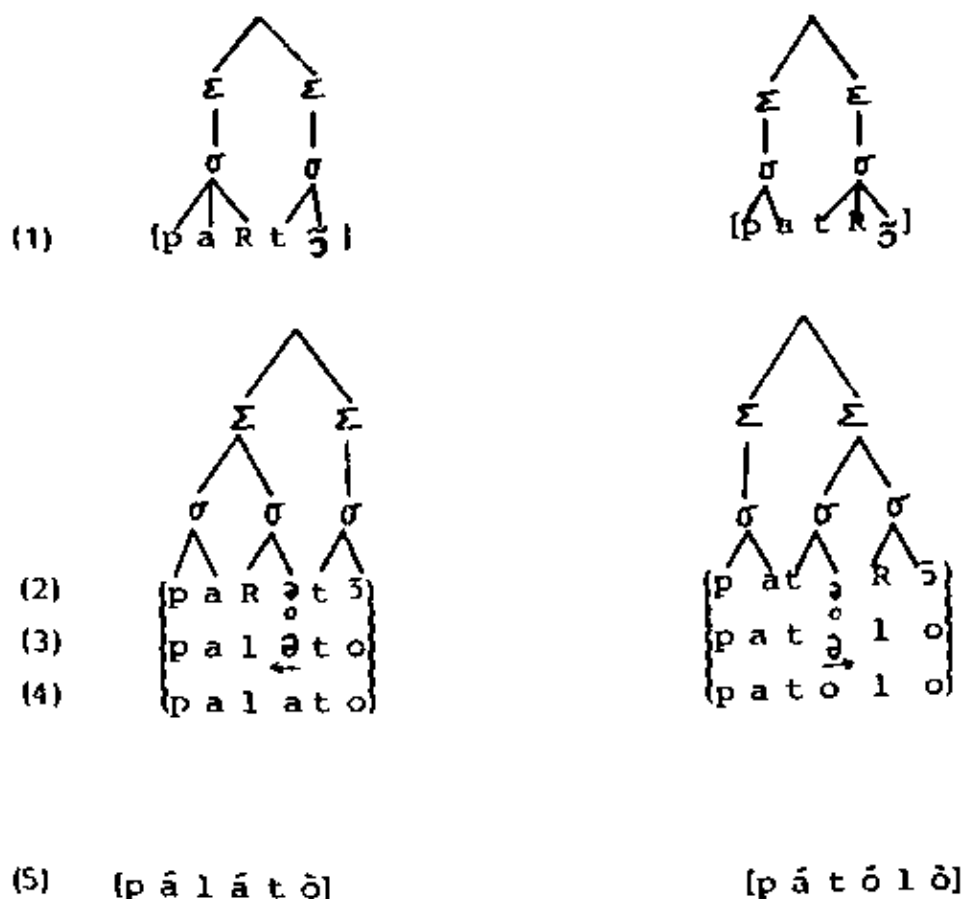


A direção dupla da metafonia, às vezes progressiva e às vezes regressiva permite inferir que as estruturas intersilábicas manifestam relações preferenciais entre certas sílabas. Está sendo evidenciado o papel fundamental de estruturas métricas subjacentes superiores, baseadas não mais nas sílabas (σ) mas sim em supersílabas (Σ) que são os pés. Propõe-se a reanálise seguinte dos exemplos:



Partindo dessa hipótese, pode-se concluir que a vogal epentética se assimila à vogal da sílaba com a qual ela divide o mesmo pé.

Propõe-se a seguinte versão simplificada da derivação reinterpretada dos exemplos mencionados 'partons' e 'patrons':



(sistema métrico específico de língua tonal: não pesquisado)

5. A guisa de conclusão apresenta-se uma versão mais sofisticada de uma derivação que poderia ser denominada métrico-natural, na medida em que ela veste com uma roupagem métrica (cf. Kiparsky, 1981, Prince 1980, McCarthy 1982, Hayes 1980, Selkirk 1980) uma análise que se reclama da Fonologia Natural.

Nas seguintes formalizações adotam-se os 'binary branchings' baseados em dois parâmetros distintos:

- (a) a nível do pé (σ): proeminência acentual com relações relativamente 'fortes' (s = 'strong') e fracas (w = 'weak');
- (b) a nível da sílaba (σ): proeminência de ressonância (= 'sonority') com relações de força relativa s/w.

Alguns comentários sobre esta derivação:

- (a) o estágio (1) - do perfeito bilíngue - apresenta a estrutura métrica do francês, cf. Basbol 1980, Selkirk 1980.
- (b) no estágio (4) - do kongo monolíngue - falta a estrutura métrica, que não pesquisei mas que obviamente seria específica de uma língua tonal.
- (c) as estruturas métricas de (2) e (3) caracterizam estágios de bilinguismo de crescente mentalizado por faixas de falantes kongo. Este sistema não deve portanto coincidir necessariamente nem com o do francês monolíngue nem do Kongo monolíngue. Por exemplo, [patʁõ], em francês original, teria a estrutura métrica:

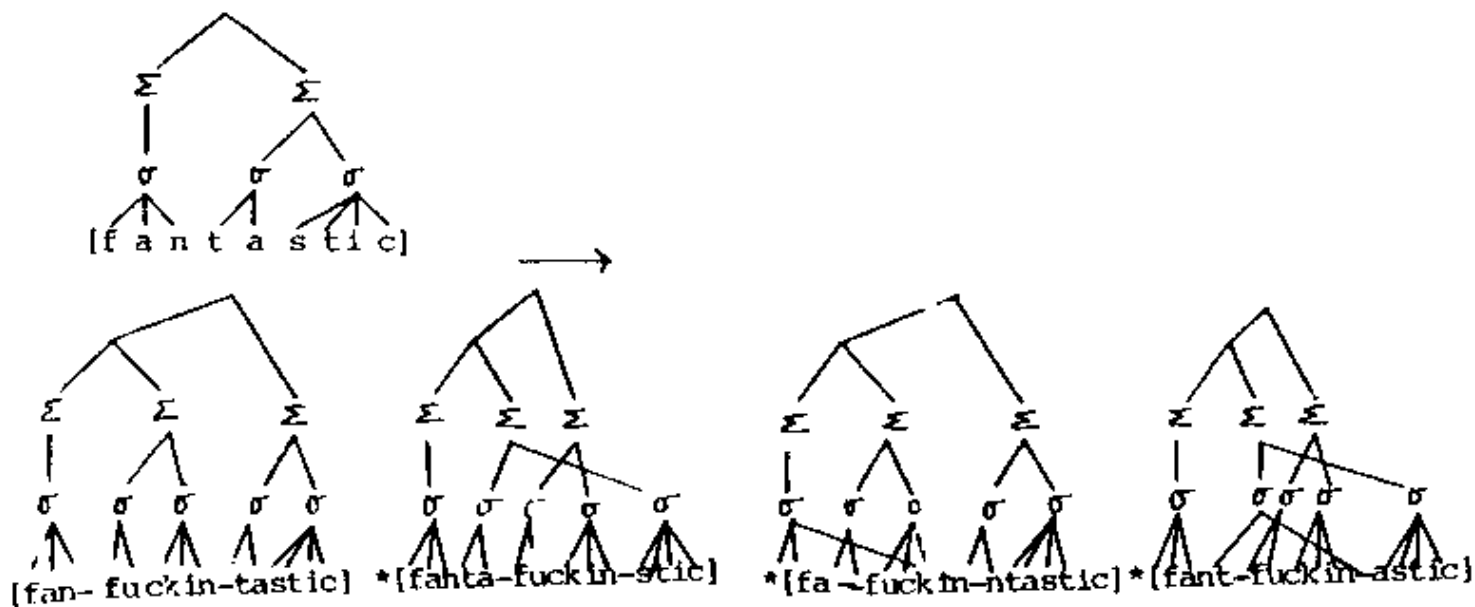


por exemplo em '(nous em) pâterons'

- (d) em (2a) surge um infra-schwa epentético, que Hyman (1983:63-64) caracterizaria de vogal sem peso silábico ('weightloss') associada à unidade de peso ('weight unit') de uma consoante extra-silábica.
- (e) em (2b) um processo fortalecedor inverte as relações de 'força' intrassilábica (s/w → w/s) em favor do schwa, seja no coda seja no onset. Confer Hyman: "In a period of transition, the weightloss epenthesis gives way to weighted segmentality".
- (f) em (2c) este processo fortalecedor se afirma e provoca uma necessária ressilabação.
- (g) em (2d) surge o processo rítmico, possivelmente universal, que inverte as relações de força intersilábica dentro do domínio do pé ('foot').
- (h) em (3) surge o processo de metafonía parcial, com condicionamento métrico, que é acabado em (4).
- (i) o estágio (5) contesta a observação de Hyman segundo a qual, nas línguas tonais, a vogal epentética nunca tem um tom próprio mas sempre recebe o tom da vogal a qual se assimila.

6. Nota: como exemplo de pé agindo como condicionador fonológico, convém lembrar-se o caso significativo da inflexão expletiva em inglês (cf. MacCarthy 1982) restrita ao limite de pé ('foot boundary').

Exemplos: fantastic \longrightarrow (a) fan-fuckin-tastic
 (b) *fanta-fuckin-stic
 (c) *fa-fuckin-ntastic
 (d) *fant-fuckin-astic



7. Anexo: Amostragem de Corpus

French Monolingual:

Kongo Monolingual:

(A) \$CC

Início de palavra:

- [pr,pl] plafond, plaque, prince, province, président, professeur → [páláfô, páláki, pélénsi, pòlòvê:nsi, pélézidâ, pòlòfèsyê:lè]
- [br,bl] brouette, blouse, bique, Brazzaville, bloc, brosse → [bùlûwê:tl, bùlû:zyù, bídiki, bàlàzâvi: lù, bólókò, bólósi]
- [tr,tl] train-blanc, transport, trois heures, trouble, mulâtresse, trop chaud → [télébùlâ, tàlâsipô:lò, túlûwâzyê:lè, túlû:bèlè, mùlâtélèzi, tólósyò]
- [kr,kl] classer, client, classe, crayon, cravatte → [kálâsyâ, kídiyâ, kálâsi, kéléyò, kâlâvâ: nt]
- [gr,gl] glace, gros, grippe, groupe → [gálâsi, gólò, gidípi, gúlúpè]
- [fr,fl] Flamand, frigo, frein, front-commun → [mfwâlânâ, fidíko, fwélè, fwâlânkhómè]

Intervocálico:

- [pr,pl] diplôme → [dípólómò]
- [br,bl] table-ronde → [tábèllò:ndè]
- [kr,kl] les crises, secrétaire → [lékílízi, syèkèlètê:lè]
- [gr,gl] télégramme, règlement → [téléngálâmù, légélémâ]

Final da palavra:

- [br,bl] diable, chambre → [dyâ:bùlù, syâ:mbèlè]
- [tr,tl] mètre, maître, montre, kilomètre → [mê:tèlè, mê:tâlâ, kílúmê: tâlà]
- [dr,dl] poudre → [pù:dèlè]
- [fr,fl] coffre → [nkhô:fòlò]
- [vr,vl] manoeuvre → [mânê:vèlè]

Caso especial: \$CS não sofre epêntese

- [Cy,Cw] mouchoir → [míswâ:lù] Outros exemplos: coiffeur, poison, poireau, l'huile, voyage, etc.
- radio → [lâdyò] outros exemplos: diable, invitation, cimetière, étudiant, fier, etc.

(B) C\$C

- [rt,lt] carte, bulletin, porte → [kā:lāti, bilítè, pō:lòtā]
 [rd,ld] sardine, pardon → [syālādī:nī, pālādō]
 [rk,lk] parquet → [pālāki]
 [rs,ls] université, commerçant → [nivélésítè, kómélésyà]
 [rž,lž] belge → [bē:lēzi]
 [rš,lš] borce, torchon → [tō:lōsi, tólōsyò]
 [rm,lm] thermos → [télémūsi]
 [rn,ln] tournevis, maternité, mille francs, journal → [tùlùnèvi:si, mātélénítè,
 mīdīfwālā, zyúlúnā:l]
 [mt] cimetière → [simltyē:lē]
 [mš] la même chose → [lāmèmēsyo:zi]
 [dm] mademoiselle → [mādāndzyē:lē]
 [tn] Pointe-Noire → [pwēnthēnwā:lā]

Caso especial s\$C → siC

pasteur, paspalum, poste, scout, discuter → [pāsité:lē, pāsipòlō:mò, pō:sitā,
 sikū:tī, disikitā]

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANGENOT, J.P. (1975) "Floating tone in a ternary framework", in Dressler & Tonelli.
- ANGENOT, J.P.; SPA, J.J. e MEESO, Y.Dya (1984) - Interprétation Générative de l'Emprunt Linguistique. Lulumbashi, Zaire: Celta, pp 136.
- ANGENOT, J.P.; GRÉGOIRE, P. e SPA, J.J. (1981) - "Présentation d'un modèle mathématique de l'emprunt", in Angenot et alii 1981.
- ANGENOT, J.P.; ISTRE, G.; SPA, J.J. e VANDRESSEN, P. (1981), Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics. UFSC Working Papers in Linguistic Florianopolis, Brazil.
- BASBOLL, H. (1981) - "Metrical Theory and the French Foot", in Dressler, Pfeiffer & Rennison 1981.
- BELL, A.; J.Hooper Eds. (1978) - Syllables and Segments. Amsterdam: North Holland Publishing Company.
- BOOLJ, G.E. (1983) - "Principles and Parameters in Prosodic Phonology", Linguistics 21:249-280.
- BROSELOW, E. (1982) - "On predicting the interaction of stress and epenthesis", Glossa 16: 11-132
- CLEMENTS, G.N. (1977) - "The autosegmental treatment of vowel harmony", in Dressler & Pfeiffer (1977), 111-120.
- CLEMENTS, G.N. e KEYSER, S.J. (1983) - CV Phonology. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- DONEGAN, P.J. (1978/1986) - On the Natural Phonology of Vowels. New York: Garland Publishing, Inc., 166 pp.
- DONEGAN, P.J. e STAMPE, D. (1978) - "The syllable in phonological and prosodic structure", in Bell & Hooper 1978.

- DRESSLER, W.U. (1985) - Morphology: The Dynamics of Derivation. Karoma Publishers, USA.
- DRESSLER, W.U. e PFEIFFER, O.E. (1977) - Phonologica 1976. Innsbruck: Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft.
- DRESSLER, W.U.; PFEIFFER O.E. e RENNISON, J.R. (1981) - Phonologica 1980. Innsbruck: Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft.
- DRESSLER, W.U. e TONELLI L. (1985) - Natural Phonology from Eisenstadt. Padova: CLESP, Italy.
- FEINSTEIN, M.H. (1979) - "Prenasalization and syllable structure" - Linguistic Inquiry 10:245-278.
- FIELD, Th. (1981) - "Loan-word Phonology and Phonological Rule Types", in Dressler, Pfeiffer & Rennison Eds., 129-136.
- FUJIMURA, O. e LOVINS, J. (1978) - "Syllables as Concatenative Phonetic Unit " in Bell & Hooper 1978, 107-120.
- GMAN, R.D. (1981) - On the Natural Phonology of Consonants. Ohio State University Working Papers in Linguistics 25: 107-173.
- HALF, K. e ENGLE, J.W. (1980) - "A Preliminary Metrical Account of Winnebag Accent", IJAL 46:112-132.
- HALLE, M. e VERGNAUD, J.R. (1980) - "Three-dimensional Phonology". Journal of Linguistic Research 1:83-105.
- HAYES, B. (1980) - 'A Metrical Theory of Stress Rules'. (Unpublished MIT dissertation) Cambridge Mass.
- HICKEY, R. (1985) - "The Interrelationship of Epenthesis and Syncope: Evidence from Dutch and Irish", Lingua 65:229-249.

- HYMAN, L. (1970) - "The Role of Borrowing in the Justification of Phonological Grammars", Studies in African Linguistics, 1:1-48.
- HYMAN, L. (1983) - A Theory of Phonological Weight. University of Southern California, 164 pp. (preliminary draft).
- KILUMBA, M. (1976) - Contribution à l'Etude des Vocables Luba-Shaba d'Origine française. Dissertation, 117 pp.
- KIPARSKY, P. (1981) - "Remarks on the Metrical Structure of the Syllable", in Dressler, Pfeiffer & Rennison 1981.
- LIBERMAN, M. e PRINCE, A. (1977) - "On Stress and Linguistic Rhythm", Linguistic Inquiry 249-336.
- LOVINS, J.B. (1975) - Loanwords and the Phonological Structure of Japanese Indiana University Linguistics Club, 164 pp.
- LOWENSTAMM, J. (1981) - "On the Maximal Cluster Approach to Syllable Structure" Linguistic Inquiry 12:575-604.
- MCCARTHY, J. (1979) - "On Stress and Syllabification", Linguistic Inquiry 249-336.
- MCCARTHY, J. (1982) - "Prosodic Structures and Expletive Infixation", Language 58:574-590.
- MUSAMBA, Ch. (1973) - Essai sur l'Aspect Phonétique des Substantifs Bemba d'Origine Anglaise. Lulumbashi, Zaire: CELTA, 45 pp.
- OKOMBE-LUKUMBU, T. (1975) - Esquisse de l'Emprunt Linguistique Tetela. Dissertation, 75 pp.
- PICARD, M e NICOL, J. (1982) - "Vers un Modèle Concret de la Phonologie des Emprunts", The Canadian Journal of Linguistics, 27:156-169.

- PRINCE, A. (1980) - "A Metrical Theory of Estonian Quantity", Linguistic Inquiry, 511-562.
- RENNISON, T.R. (1980) - "What is Schwa in Austrian German? The Case for Epenthesis and its consequences". Em Dressler, Pfeiffer & Rennison 1980.
- RIALLAND, A. (1980) - "Le Sifflement des Tons et les Structures Syllabique en Gurma", em Dressler, Pfeiffer & Rennison 1980.
- RHODES, R.A. (1972) - "Natural Phonology and MS Conditions" - Chicago Linguistic Society, 544-577.
- GELKIRK, E.O. (1980) - "The Role of Prosodic Categories in English Word Stress" Linguistic Inquiry 11:573-605
- STAMPE, D. (1973/1985) - A Dissertation on Natural Phonology. New York: Garland Publishing, Inc., 114 pp.
- YAVAS, M. (1982) - "Natural Generative Phonology and Borrowing Assimilations", Linguistics 123-132.
- YOUNG, D. (1976) - Emprunt Linguistique Luba-Kasai d'Origine Française. Lulumbashi, Zaire: dissertation, 87 pp.